

Educação e cultura escrita: a propósito dos cadernos e escritos escolares*

Education and written culture: on exercise books and school writings

ANTONIO CASTILLO GÓMEZ**



RESUMO – Com o protagonismo que o estudo dos cadernos e outros escritos escolares têm adquirido nos últimos anos no âmbito da História da Educação, este texto procura analisar esse campo desde os pressupostos metodológicos da História social da cultura escrita. Com esse propósito, revisa algumas linhas de pesquisa adotadas até esta data e sugere outras, a fim de dar maior relevância aos aspectos gráficos, materiais e textuais das escritas escolares. Busca uma investigação de natureza diacrônica e transdisciplinar, com base na necessária integração de cada objeto escrito no conjunto de atividades que definem a cultura escrita em cada momento e, ainda mais, nas práticas sociais da cultura escrita contemporânea.

Palavras-chave – cadernos escolares; escrituras escolares; cultura escolar; escritura cotidiana; história social da cultura escrita; história da educação

ABSTRACT – In the last few years the study of exercise books and other school writing has acquired a leading role in the field of the history of education. This text proposes to approach this field from the methodological perspectives of the social history of written culture. It reviews several of the research questions pursued up to now and suggests some others in order to underline the importance of the graphic, material and textual aspects of school writings. It focuses on a diachronic and transdisciplinary project, based on the need to integrate every written artefact into all the various activities that define written culture in schools at a given moment; moreover, school writings must be integrated into the social practices of contemporary scribal culture.

Keywords – school exercise books; school writings; school culture; ordinary writing; social history of written culture; history of education

AS ESCRITAS ESCOLARES COMO OBJETO DE ESTUDO

Durante os dias 6 e 7 de setembro de 2011, aconteceu, nas instalações do Centro Internacional de la Cultura Escolar (CEINCE), na cidade soriana de Berlanga de Duero (Espanha), o *Coloquio Internacional Escritura Infante*, promovido pela professora Verónica Sierra Blas (Universidade de Alcalá) e pelo falecido professor Davide Montino (Universidade de Génova), em cuja memória foi dedicado o evento. As diferentes apresentações e os debates que se seguiram destacaram o impulso que

tem tido, sobretudo no último decênio, o estudo das atividades de escrita desenvolvidas na escola na época contemporânea. Também não faltaram observações sobre escritas infantis e juvenis em contextos não escolares, assim como determinadas contribuições centradas nos últimos séculos da Idade Moderna. Quando ocorrer a publicação dos trabalhos do dito colóquio, já comprometida para um próximo número da revista *History of Education & Children's Literature*, da Universidade de Macerata (Itália), supõe-se um novo objetivo no caminho que outras pesquisas mais recentes foram apontando, no entanto, majoritariamente ancoradas na recuperação e nas análises

* A publicação deste ensaio tem como marco o Projeto de pesquisa *Cultura escrita y memoria popular: tipologías, funciones y políticas de conservación* (siglos XVI a XX) (HAR2011-25944/), financiado pelo Ministerio de Ciencia e Innovación/Espanha. Retomo, com algumas mudanças e acréscimos, um texto anterior, publicado em espanhol: Los cuadernos escolares a la luz de la Historia de la cultura escrita. In: MEDA, Juri; MONTINO, Davide; SANI, Roberto (Eds.). *School exercise books: a complex source for a history of the approach to schooling and education in the 19th and 20th centuries*. Firenze: Edizioni Polistampa, 2010, v. 1, p. 3-10.

** Doutor em História pela la Universidad de Alcalá (Espanha) e Professor Titular de História da Cultura Escrita pela Universidad de Alcalá. E-mail: <antonio.castillo@uah.es>.

Artigo recebido em outubro e aprovado em novembro de 2011.

dos cadernos escolares, constituídos em uma das fontes-fetiche na dinâmica etnográfica da escola.¹ Todas essas iniciativas dão conta da relevância historiográfica desse campo, ao mesmo tempo em que abrem novas frentes de investigação histórico-educativa.

Posto que meu âmbito de pesquisa corresponde à chamada História da cultura escrita e não a História da Educação, considero que estas breves notas devem girar em torno de alguns pontos de encontro entre ambas as disciplinas, a propósito, por um lado, da realidade desvelada pelos cadernos e outros escritos escolares e, por outro, das contribuições específicas que podem ser realizadas no campo em relação aos estudos sobre a escrita e a leitura. Antes de seguir, de acordo com os ensinamentos de Armando Petrucci, é oportuno assinalar que a História da cultura escrita pretende “pôr em relevo e converter em objeto de estudo as relações que se estabelecem, em diversas situações históricas, entre os sistemas de escrita, as formas gráficas e os processos de produção dos testemunhos escritos, por um lado, e as estruturas socioeconômicas das sociedades que elaboram, utilizam e manipulam estes produtos, por outro” (PETRUCCI, 1989, p. 47). Em síntese, seu método requer a análise dos testemunhos escritos, quaisquer que sejam, escolares ou não, nas coordenadas que definem as distintas sociedades em que eles se produzem, circulam e utilizam, formadas sempre por pessoas alfabetizadas, semialfabetizadas ou analfabetas, de distintas idades, gênero, classe, etnia ou grupo social.

Essa não é a ocasião para entrar em questões terminológicas ou taxonômicas sobre o conceito e a tipologia dos cadernos escolares, matéria dos quais se ocupam alguns dos trabalhos que cito em notas de rodapé. É evidente que sua implantação como dispositivo pedagógico responde a um momento de mudança na história da escola e dos métodos de ensino, caracterizado pela complementariedade que, desde o fim do século XVIII, vem ocorrendo entre a escrita e a leitura, competências que até este momento haviam seguido caminhos paralelos (CHARTIER, 2007a, 2007b). Desde então, o lema da escola contemporânea resume-se na expressão “a escrita pela leitura e a leitura pela escrita”, sendo sua consequência pedagógica mais visível, tanto pelo auge dos manuais escolares como pela consolidação de novos usos e materiais didáticos, terreno que logo capitalizaram os cadernos (CHARTIER; HÉBRARD, 1994; VIÑAO FRAGO, 2002). De fato, a escola contemporânea, “escola para todos” (VIÑAO FRAGO, 2004), pelos seus resultados na extensão social do alfabetismo, não se entende sem essa ferramenta de aprendizagem, apesar de que a historiografia educativa, até pouco tempo, não parecia ter entendido assim (VIÑAO FRAGO, 2006). Preocupada muito mais em discorrer sobre teorias

pedagógicas e instituições escolares, seu interesse pelos materiais da cultura escolar (MEDA, 2011), isto é, pelos produtos que atestam os procedimentos utilizados e os conhecimentos ensinados ou aprendidos, é recente e não vai muito mais além das duas últimas décadas.² Foi na Itália, por exemplo, que apareceram alguns dos primeiros estudos que desvelaram a importância dos escritos colegiais, no âmbito dos seminários *La scrittura bambina* (1991) e *Piccoli scrivani: scritture nel tempo dell'infanzia e dell'adolescenza* (1993), ocorridos em Rovereto, sob iniciativa do Archivio della Scrittura Popolare de Trento e da Federazione degli Archivi della Scrittura Popolare.³

À medida que se amplia o interesse historiográfico pelos cadernos, igualmente há a inquietude por sua busca, de modo que sua constituição em objeto de estudo é devedora e caminha em paralelo com o empenho de iniciativas que têm tido o objetivo de identificar, inventariar, classificar e conservar cadernos e demais trabalhos escolares. Países como França e Itália dispõem de importantes acervos dessa natureza;⁴ na Espanha, a situação tem melhorado sensivelmente no último decênio. Entre os fundos mais relevantes, destacam-se os numerosos cadernos dos anos 20, 30 e 40 do século XX, incorporados ao processo de purificação do Magistério espanhol, conservados no Archivo General de la Administración (Alcalá de Henares), os quais têm sido estudados por María del Mar del Pozo Andrés e Sara Ramos Zamora (2001, 2003); os cadernos de classe de alguns soldados do exército republicano durante a Guerra Civil espanhola, localizados por Verónica Sierra Blas no Archivo General de la Guerra Civil (Salamanca) (CASTILLO GÓMEZ; SIERRA BLAS, 2007); assim como, as séries e coleções depositadas em mãos de particulares, em museus etnográficos e da escola ou em acervos que integram a Red de Archivos e Investigadores de la Escritura Popular.⁵

OS CADERNOS ESCOLARES EM FOCO

As reflexões anteriores servem para demarcar o ponto em que nos encontramos e as pesquisas que ainda estão por vir. Depois de fazermos uma breve incursão na produção científica sobre cadernos e outros escritos escolares, podemos verificar que esta se distribui em torno de vários eixos. Uma parte se ocupa principalmente em estudá-los como dispositivos escolares, o que tem levado a indagar, nas disciplinas neles representadas, o discurso escolar, o currículo explícito e oculto ou a organização dos conhecimentos aprendidos.⁶ Outro eixo da produção científica tem-se fixado mais no substrato ideológico que se camufla nas lições e cópias, a fim de revisar a instrumentação política da escola e as relações de poder por ela sofrida, em que se destacam os distintos enfoques

que têm tomado esses escritos como fontes para analisar as representações do imaginário político e social inscritos neles: a guerra, a militarização da infância, a religião, o patriotismo ou a família, entre outros.⁷ Uma terceira via se interessa pelos cadernos enquanto testemunhos da cultura escolar e dos agentes que nela intervém, isto é, o devir cotidiano da escola.⁸ Enfim, um quarto enfoque, menos praticado pelos historiadores da educação, vinculado às abordagens científicas da História da cultura escrita, procura indagar a dimensão material, gráfica e textual dos cadernos e trabalhos escolares, com o objetivo de conhecer os modos concretos que meninos e meninas, principais produtores desse objeto, porém não só, apropriam-se e valem-se de uma tecnologia da palavra tão significativa como o é a escrita.⁹

Interessa, então, o estudo dos elementos gráficos para conhecer a competência dada às mãos que escrevem, assim como as formas textuais e a disposição do escrito sobre a página, pois permitem proporcionar substanciais considerações em função das disciplinas transpostas para os cadernos e os métodos de ensino. A incorporação de letras maiúsculas ou minúsculas para assinalar os capítulos, a sequência dos conhecimentos e dos exercícios ou *collage* entre escritas à mão e recortes impressos ou fotografias e documentos colados, a relação entre o texto e a página, a função da cor, os vínculos entre o negro ou o azul da tinta e o colorido dos títulos ou desenhos realizados sobre o mesmo espaço gráfico, entre outros detalhes, são também maneiras de aprofundar as distintas apropriações da cultura escrita por aqueles que escrevem.¹⁰ Se algumas dessas características podem expressar tanto a vontade individual como a mediação que exerce a pessoa que ensina, outras nos informam sobre os critérios editoriais seguidos na fabricação industrial dos cadernos e a eventual instrumentação propagandística das capas, muito explícita em regimes autoritários e fascistas.¹¹

Os cadernos revelam ainda modelos, exemplos e testemunhos, reais e fictícios, de distintas modalidades textuais, cuja coexistência, nesse espaço gráfico, expressa a pluralidade de matizes observáveis nas escritas escolares e infantis, isto é, entre as que respondem a uma produção regrada ou sujeita ao fazer da escola e as que podem emanar de uma atividade mais espontânea e até subjetiva. Essa aproximação assume a tensão subjacente entre as normas que regem o espaço escolar, por parte de professores e professoras, e a possibilidade de transgressão inerente a cada ato de escrita, ou seja, igual à que podemos ver em outras situações. Se nos centramos nos cadernos, são óbvias as diferenças existentes entre aqueles que testemunham o trabalho diário em aula, os cadernos individuais de deveres ou trabalhos de alunos, no rascunho ou passado a limpo, em que não é estranho encontrar apropriações pessoais que testemunham a

subjetividade e certa subversão da norma ou da ideologia escolar (MONTINO, 2010; GALFRÉ, 2010), e os de rotação ou de honra, destinados a recolher periodicamente os melhores trabalhos dos alunos, ou confeccionados expressamente devido à visita de um inspetor ou de qualquer outra autoridade. Relacionado com esses matizes, está também o problema da autoria, individual ou coletiva, dos cadernos escolares (CHARTIER, 1999), uma questão igualmente chave em numerosos estudos sobre a cultura escrita (CHARTIER, R. 1994). Mais uma vez, as circunstâncias que governam a produção de cada texto, ou seja, as condições que os fazem possível, no dizer de Pierre Bourdieu (1990), convertem-se em coordenadas irrenunciáveis no momento de valorizá-los e interpretá-los, seja no âmbito colegial, privado, de trabalho ou oficial.

EDUCAÇÃO E CULTURA ESCRITA

De acordo com o abordado no parágrafo precedente, é indiscutível que os estudos sobre os cadernos e demais escritas escolares trouxeram à luz um campo de investigação rico de estímulos que até pouco tempo praticamente havia passado despercebido em certos setores da História da educação, muito mais preocupados com as teorias e instituições educativas. Passada a febre que se produz quando o ofício do historiador irrompe uma “nova” fonte, é hora de acalmar-se e refletir sobre pontos mais fracos que ficaram a descoberto. Cada qual, é claro, deve fazê-lo no âmbito do seu trabalho, de maneira que minhas palavras devem ser entendidas em relação com a declaração de princípios que formulei no começo deste estudo, sem outro ânimo senão o de contribuir para uma discussão tão necessária como enriquecedora.

Desde essas premissas, parece que determinados estudos sobre escritas colegiais, principalmente cadernos, têm incorrido no mesmo fetichismo documental que os historiadores em geral praticaram no século XIX (CARR, 1978, p. 21-22). O capricho e o esmero de alguns cadernos, em particular aqueles apresentados à inspeção para reconhecimento do próprio professor, propiciaram distintas exumações e as consequentes edições fac-símiles, assim como um amplo número de monografias referidas a um ou vários exemplares ou a certa coleção. De fato, foi reproduzido o mesmo procedimento adotado para os manuais escolares, outro dos tesouros da investigação histórico-educativa nos últimos tempos. Não se discute sua utilidade na verificação dos textos empregados no ensino e nas estratégias mobilizadas em cada evento educativo, mas o fato de determinadas pesquisas se restringirem à epiderme do assunto, abstraírem cada produção escrita do conjunto que lhe dá sentido ou apenas verem pouco mais além do caso ou casos que se toma em consideração.

Dado que cadernos, trabalhos de aula, exames, anotações sobre as classes,¹² agendas e periódicos escolares, entre outros, são distintas materializações da escrita em espaço escolar, chama a atenção o desconhecimento que determinadas historiografias da educação mostram a respeito do trabalho realizado no âmbito da História social da cultura escrita. Mais que uma observação interessada, surpreende que certos setores truncaram um diálogo que se havia mostrado muito frutífero. Assim como os estudos sobre a cultura escrita começaram seu caminho em fins dos anos 70 olhando em volta para saber de outras disciplinas e encontrando estímulos em diversos filões da História da educação,¹³ esta também revisou algumas de suas formulações habituais apropriando questões formuladas por aquela.¹⁴

Naturalmente, existem exceções que temperam a agudeza desse lamento, por exemplo, as pontes estabelecidas no Brasil entre a educação, a história e a cultura escrita,¹⁵ o que não invalida a surdez praticada em outras ocasiões, sendo destaque a escassa presença dos historiadores do escrito em numerosas reuniões internacionais de especialistas em História da Educação, inclusive quando a temática concerne ao estudo das práticas de escrita e leitura ou aos processos de alfabetização. Talvez seja por esse motivo que parte significativa das investigações histórico-educativas sobre escritas escolares pecam por certo ensimesmamento nos produtos que analisam, como se eles não tivessem nenhuma relação com outras práticas de escritas desenvolvidas contemporaneamente fora dos muros da escola, inclusive pelos mesmos sujeitos.¹⁶

A esse respeito, Armando Petrucci (2003, p. 7-9) alude em inúmeros de seus trabalhos a descontextualização em que podemos cair ao isolar cada produto escrito de seus pares. Assim, os estudos sobre os usos escolares da correspondência, hoje tão em moda em certos lugares,¹⁷ não devem ser abordados *ex nihilo*, mas inscritos em uma tradição de longa data, cujos primeiros passos foram dados no mundo clássico.¹⁸ Além disso, é incorreto desligá-los de outras pesquisas sobre a escrita epistolar, ao menos para entender a substancial estabilidade de sua estrutura ao longo dos séculos (PETRUCCI, 2008).

Na mesma linha, para exemplificar, assim como não se pode compreender plenamente o significado do livro universitário medieval depreciando as mudanças operadas no sistema gráfico e a dimensão social que foi adquirindo a escrita, tampouco o estudo dos cadernos e outras escritas escolares pode evitar outras manifestações ordinárias da escrita no âmbito educativo, nem os contatos e inferências com outras práticas sociais da cultura escrita (HÉBRARD, 1999; MONTINO, 2003). Isso permitirá a plena inclusão dessas ferramentas no contexto de renovação dos métodos de ensino que supera a fase prévia da instrução caligráfica para interessar-se

propriamente pela aprendizagem da escrita com conexão direta com os seus usos cotidianos, sendo sua melhor evidência o gênero editorial das *Lecturas de manuscritos o "paleógrafos"*.¹⁹ Em suas páginas, incluía-se todo um mostruário de cartas, cartões de felicitações, memórias, contas, escrituras de arrendamento, recibos, escrituras de vendas, testamentos, certificados, isto é, "toda uma classe de documentos necessários muitas vezes no discurso da vida", como eloquentemente se advertia, pelo menos na edição de 1913, no subtítulo de uma das obras mais representativas, o *Guía del artesano*, de Esteban Paluzié Catalozella, publicada pela primeira vez em 1859, por conta do autor. De textos dessa natureza, como os manuais de urbanidade, emerge uma visão da escola contemporânea como espaço privilegiado de aculturação da escrita.²⁰

Por seu caráter integrador, podem-se destacar as pesquisas de Verónica Sierra Blas sobre a cultura escrita nesse período, na escola e fora dela. De um lado, seus diversos ensaios sobre a prática epistolar têm servido para destacar as imbricações entre os manuais que ensinavam o modo de escrevê-las, os diversos usos sociais da carta e sua concreta inclusão nas atividades escolares (SIERRA BLAS, 2009); de outro, sua exaustiva investigação sobre a produção escrita de meninos e meninas enviados para a Rússia nos primeiros anos da Guerra Civil espanhola, que toma como fonte principal as cartas escritas aos pais, às autoridades republicanas e aos combatentes, porém, situando-as em um marco de referência mais amplo, que implica igualmente a produção de cadernos, composições escritas ou jornais murais. Por sua vez, o estudo formal da escrita expressa nesses testemunhos demonstra a necessidade de também considerar as propostas linguísticas sobre a aquisição da língua escrita, nas quais estão os procedimentos mais válidos para entender e explicar as características dos textos infantis, que poderiam derivar de uma análise em termos puramente paleográficos (SIERRA BLAS, 2009).

Outra proposta que cabe apontar refere-se à recuperação da diacronia como eixo da investigação. Embora seja indiscutível que o caderno escolar *stricto sensu* é um produto ligado à escola contemporânea e à alfabetização de massas, sua plena compreensão como atividade de escrita, do mesmo modo que se destacou no campo dos estudos autobiográficos (LEJEUNE; BOGAERT, 2006), enriquece-se sensivelmente quando se inscreve na longa duração, indagando, como indicou Anne-Marie Chartier, em seus "usos historiográficos" (CHARTIER, 2003, p. 23), ou, em outras palavras, revisando sua "pré-história", as formas que o precederam. Obviamente, conforme nos afastamos no tempo, constatamos que os antecedentes do caderno tiveram uma aplicação social mais restrita e, geralmente, ligada aos níveis posteriores da aquisição das primeiras letras. Depreende-se isso com alguns

dos testemunhos identificados e estudados: seja em um manuscrito escolar do século XI;²¹ nos cadernos de Guillaume Gisenheim e Beatus Rhenanus, alunos da escola latina de Sélestat (1477-1501), conservados na Biblioteca Municipal dessa localidade francesa;²² nas notas de um aluno de Claude Mignault, professor de retórica do colégio de Reims (1572-1573) e de outras atividades similares em colégios franceses do século XVI;²³ no caderno com notas de gramática e máximas do futuro rei Felipe III;²⁴ ou, já no século XVIII, nos 172 trabalhos dos alunos do Colegio Louis-le-Grand (ca. 1720).²⁵ É evidente que esses exemplos não são inteiramente iguais aos usados na escola contemporânea, muito mais formalizados pela massiva produção industrial,²⁶ mas neles podem ser rastreados os traços deixados pelas diversas maneiras de ensinar e aprender através dos tempos.

A partir do enfoque que sustento nestas páginas, o horizonte descortina-se quando se põe em prática uma aproximação de natureza transdisciplinar, que ultrapasse as fronteiras e os constrangimentos derivados dos ajustes curriculares, apostando em uma indagação atenta aos métodos e problemas que podem suscitar as distintas disciplinas interessadas nesse âmbito de estudo. Ressalta-se que não basta submeter cada tema de investigação, por exemplo, os cadernos escolares, a um olhar complementar dos especialistas de vários ramos, pois esse modo de proceder desemboca em uma sucessão de monólogos. Mas cabe apostar em uma metodologia na qual cada um de nós, qualquer que seja a área específica de trabalho (História da Educação, História, História da cultura escrita, Antropologia ou Linguística, entre outras), assuma, em sua abordagem e reflexões, as propostas advindas de outras disciplinas.

Isso não significa que nos convertamos em sábios humanistas capazes de amalgamar conhecimentos e produtos tão variados, mas que coloquemos em prática uma leitura ampla não circunscrita a nossas matérias específicas de conhecimento. Além disso, tomemos como certo que, para empreender determinados estudos, devemos antes nos munir de conceitos e ferramentas metodológicas sumamente variadas, alheios a cada disciplina. Os desafios, então, levam-nos ao conceito global ou integrador da História da cultura escrita, que aludi anteriormente (CASTILLO GÓMEZ, 2003), ao mesmo tempo em que estabelecem caminhos para reflexão entre esta e a História da Educação, dos quais, sem dúvida, podem resultar significativos temas de pesquisa, tal como a cultura escrita escolar e suas relações com a ampla produção escrita de cada sociedade e de cada época.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. Leitura, leitores, letrados, literatura. In: _____. **Coisas ditas (1987)**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 134-146.

CARR, Edward H. **¿Qué es la historia? (1961)**. 8. ed. Barcelona: Ariel, 1978.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio. Historia de la cultura escrita: ideas para el debate. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 5, p. 93-124, 2003.

CASTILLO GÓMEZ, Antonio; SIERRA BLAS, Verónica. If my pen was as good as your pistol. The acquisition and uses of writing on the republican fronts during the Spanish Civil War. In: LYONS, Martyn (Ed.). **Ordinary writings/personal narratives: writing practices in 19th and 20th-century Europe**. Berna: Peter Lang, 2007. p. 137-154.27

CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Dir.); SIERRA BLAS, Verónica (Ed.). **Mis primeros pasos: alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (ss. XIX-XX)**. Gijón: Trea, 2008.

CHARTIER, Anne-Marie. **L'école et la lecture obligatoire: histoire et paradoxes des pratiques d'enseignement de la lecture**. Paris: Editions Retz, 2007a.

_____. **Práticas de leitura e escrita: história e atualidade**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007b.

_____. Travaux d'élèves et cahiers scolaires: l'histoire de l'éducation du côté des pratiques. In: JIMÉNEZ EGUIZABAL, Alfredo et al. (Ed.). **Etnohistoria de la escuela. COLOQUIO NACIONAL DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN, 12.**, (Burgos, 18-21 jun. 2003). Burgos: Universidad de Burgos-SEDHE, 2003.

_____. Un dispositif sans auteur: cahiers et classeurs dans l'école primaire. **Hermès**, n. 25 ("Le dispositif. Entre usage et concept"), p. 207-218, 1999.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. Lire pour écrire à l'école primaire? L'invention de la composition française au XIXe siècle. In: REUTER, Yves (Ed.). **Les interactions lecture-écriture**. Berna: Peter Lang, 1994. p. 23-90. Actes du Colloque organisé par l'équipe Theodile-Crel, Université Charles-de-Gaulle-Lille III, 22-24 nov. 1993.

CHARTIER, Roger. Figuras do autor. In: _____. **A orden dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: UNB, 1994. p. 33-65.

CODOÑER, Carmen. Un manuscrito escolar: London, British Library, Royal 15.B.XIX. **Segno & Testo**, n. 1, p. 229-245, 2003.

GALFRÉ, Monica. Ambizioni e limiti del totalitarismo fascista nei quaderni scolastici. In: MEDA, Juri; MONTINO, Davide; SANI, Roberto (Ed.). **School exercise books: a complex source for a history of the approach to schooling and education in the 19th and 20th centuries**. Firenze: Edizioni Polistampa, 2010. p. 297-308.

HÉBRARD, Jean. Tenir un journal: l'écriture personnelle et ses supports. **Cahiers IRTM**, n. 20, p. 9-50, 1999.

I QUADERNI di scuola tra Otto e Novecento. **Annali di storia dell'educazione e delle istituzioni scolastiche**, n. 13, p. 11-189, 2006.

LEJEUNE, Philippe; BOGAERT, Catherine. **Le journal intime: histoire et anthologie**. Paris: Textuel, 2006.

_____. **Un journal à soi: uistoire d'une pratique**. Paris: Textuel, 2003.

LINDMARK, Daniel; ERICSON, Per-Olof Ericson (Ed.). Technologies of the word: literacies in the history of education. Paedagogica Historica. **International Journal of the History of Education**, v. 44, n. 1-2, 2008.

MEDA, Juri. Mezzi di educazione di massa. Nuove fonti e nuove prospettive di ricerca per una "storia materiale della scuola" tra XIX e XX secolo. **History of Education & Children's Literature**, v. 6, n. 1, p. 253-279, 2011.

MEDA, Juri; MONTINO, Davide; SANI, Roberto (Ed.). **School exercise books**: a complex source for a history of the approach to schooling and education in the 19th and 20th centuries. Firenze: Edizioni Polistampa, 2010.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). **Cadernos à vista**: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: UERJ, 2008.

MONTINO, Davide. Bambini che scrivono. Signo. **Revista de Historia de la Cultura Escrita**, n. 12, p. 81-106, 2003.

_____. Da scolari a bambini: spontaneità e soggettività infantile nelle scritture scolastiche. In: MEDA, Juri; MONTINO, Davide; SANI, Roberto (Ed.). **School exercise books**. A complex source for a History of the approach to schooling and education in the 19th and 20th centuries. Firenze: Edizioni Polistampa, II, p. 1289-1303, 2010.

PETRUCCI, Armando. **La ciencia de la escritura**: primera lección de paleografía. Buenos Aires: FCE, 2003. p. 7-9.

_____. **Scrivere lettere**: una storia plurimilenaria. Roma-Bari: Laterza, 2008.

_____. Storia della scrittura e della società. **Alfabetismo e cultura scritta**, nuova serie, n. 2, p. 47, 1989.

POZO ANDRÉS, María del Mar; RAMOS ZAMORA, Sara. El cuaderno de clase como instrumento de acreditación de saberes escolares y control de la labor docente. In: **La acreditación de saberes y competencias**: perspectiva histórica. Oviedo: Universidad de Oviedo-Sociedad Española de Historia de la Educación (SEDHE), 2001. p. 481-501.

_____. Los cuadernos de clase como representaciones simbólicas de la cultura escrita escolar. In: JIMÉNEZ EGUIZABAL, Alfredo et al. (Ed.). **ETNOHISTORIA DE LA ESCUELA**. COLOQUIO NACIONAL DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN, 12., (Burgos, 18-21 junio 2003). Burgos: Universidad de Burgos-SEDHE, 2003. p. 653-664.

SIERRA BLAS, Verónica. **Letras huérfanas**: cultura escrita y exilio infantil en la Guerra Civil española. 2008. Tesis (Doctoral), Universidad de Alcalá, Alcalá de Henares, 2008. p. 52-127.

_____. **Palabras huérfanas**: los niños y la Guerra Civil. Madrid: Taurus, 2009.

VIÑAO FRAGO, A. Del periódico a Internet: leer y escribir en los siglos XIX y XX. In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Coord.). **Historia de la cultura escrita**: del Próximo Oriente Antiguo a la sociedad informatizada. Gijón: Trea, 2002. p. 324-337.

_____. **Escuela para todos**: educación y modernidad en la España del siglo XX. Madrid: Marcial Pons, 2004.

_____. Los cuadernos escolares como fuente histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. **Annali di storia dell'educazione e delle istituzioni scolastiche**, n. 13, p. 17-35, 2006.

(Traduzido do espanhol por Maria Helena Camara Bastos)

NOTAS

- Sobre o assunto, ver: I quaderni di scuola tra Otto e Novecento. *Annali di storia dell'educazione e delle istituzioni scolastiche*, n. 13, p. 11-189, 2006; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: UERJ, 2008; CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Dir.); SIERRA BLAS, Verónica (Ed.). *Mis primeros pasos: alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura* (ss. XIX-XX). Gijón: Trea, 2008; LINDMARK, Daniel; ERICSON, Per-Olof Ericson (Ed.). Technologies of the word. Literacies in the History of Education. Paedagogica Historica. *International Journal of the History of Education*, v. 44, n. 1-2, 2008; MEDA, Juri; MONTINO, Davide; SANI, Roberto (Ed.). *School exercise books: a complex source for a history of the approach to schooling and education in the 19th and 20th centuries*. Firenze: Edizioni Polistampa, 2010. v. 1, p. 3-10.
- Um amplo e documentado estado da arte sobre pesquisas em torno das escritas infantis e escolares é o estudo de: SIERRA BLAS, Verónica. *Letras huérfanas. Cultura escrita y exilio infantil en la Guerra Civil española*. 2008. Tesis (Doctoral), Universidad de Alcalá, Alcalá de Henares, 2008. p. 52-127.
- Ver: La scrittura bambina: interventi e ricerche sulle pratiche di scrittura dell'infanzia e dell'adolescenza. In: *Materiali di Lavoro*, n. 2-3, 1992; ANTONELLI, Quinto; BECCHI, Egle (Ed.). *Scritture bambine: testi infantili tra passato e presente*. Roma, Bari: Laterza, 1995.
- Destacam-se especialmente as coleções de milhares de exemplares conservados no Musée National de l'Éducation, dependente do Institut National de Recherche Pédagogique (<http://www.inrp.fr/musee/>) e no Arquivo storico dell'Agenzia Nazionale per lo Sviluppo dell'Autonomia Scolastica (ex-INDIRE) (<http://www.fisqed.it/>). Sobre os acervos dessa instituição italiana, ver: GIORGI, Pamela; MEDA, Juri. *I fondi archivistici dell'Agenzia Nazionale per lo Sviluppo dell'Autonomia Scolastica*. Firenze: Polistampa, 2009. Para os cadernos escolares, ver: MEDA, Juri. Quaderni di scuola. Nuove fonte per la storia dell'editoria della scrittura scolastica minore. *Annali di storia dell'educazione e delle istituzioni scolastiche*, n. 13, p. 92-98, 2006. Atualmente, esse centro está promovendo a elaboração de uma base de dados de cadernos escolares na Europa.
- Sobre os museus escolares, ver: RUIZ BERRIO, J. Pasado, presente y porvenir de los museos de educación. In: HERNÁNDEZ DÍAZ, José María; ESCOLANO BENITO, Agustín (Ed.). *La memoria y el deseo. Cultura de la escuela y educación deseada*. Valencia: Tirant lo blanch, 2002. p. 43-65; Idem, Historia y Museología de la Educación. Despegue y reconversión de los museos pedagógicos. Historia de la educación. *Revista Interuniversitaria*, n. 25, p. 271-290, 2006; CARRILLO FLORES, Isabel; COLLELDEMONT PUJADAS, Eulalia; MARTÍN FREIXAS, Jordi; TORRENTS BUXÓ, Jacint. *Los museos pedagógicos y la proyección cívica del patrimonio educativo*. Gijón: Trea, 2011. Quanto aos centros e coleções integradas na Red de Archivos e Investigadores de la Escritura Popular, remeto à informação disponível no site: www.redaiep.es.
- Ver: GVRTZ, Silvina. Do currículo prescrito ao currículo ensinado. Um olhar sobre os cadernos de classe. Bragança Paulista: São Francisco, 2005; Idem, *El discurso escolar a través de los cuadernos de clase*. Buenos Aires: EUDEBA, 1999; POZO ANDRÉS, María del Mar; RAMOS ZAMORA, Sara. El cuaderno de clase como instrumento de acreditación. In: *La acreditación de saberes y competencias: perspectiva histórica*. Oviedo: Universidad de Oviedo-Sociedad Española de Historia de la Educación (SEDHE), 2001. p. 481-501; BADANELLI, RUBIO, Ana María; MAHAMUD ANGULO, Kira. Posibilidades y limitaciones del cuaderno escolar como material curricular: un estudio de caso. Avances en supervisión educativa. *Revista de la Asociación de Inspectores de Educación de España*, n. 6, 2007. Disponible en: <http://www.adide.org/revista>. Acceso en: 9 oct. 2011; HERNÁNDEZ DÍAZ, José María; HERNÁNDEZ HUERTA, José Luis. Bosquejo histórico del movimiento Freinet en España. 1926-1939. *Foro de Educación*, n. 9, p. 169-202, 2007; CHARTIER, Anne-Marie. Los cuadernos escolares: ordenar los saberes escribiéndolos. *Cultura Escrita & Sociedad*, n. 8, p. 163-182, 2009.
- Ver: LEMUS LÓPEZ, Encarnación; CORDERO OLIVERO, Inmaculada. La guerra en la escuela: cuadernos escolares de los alumnos de la escuela nacional de Oseja en los Picos de Europa. *Revista de Historia Contemporánea*, n. 8, p. 159-180, 1997/1998; GIBELLI, Antonio. *Il popolo bambino. Infanzia e nazione dalla Grande Guerra a Salò*. Torino: Einaudi, 2005; POZO ANDRÉS, María del Mar; RAMOS ZAMORA, Sara. Imágenes de la infancia en la cultura escolar. In:

- DÁVILA, Pauli; NAYA, Luís M^a. (Ed.). La infancia en la historia: espacios y representaciones. Donosita. *EREIN*, II, p. 242-252, 2005; CAROLI, Dorena. *Ideali, ideologie e modelli formativi. Il movimento dei pionieri in URSS (1922-1939)*. Milano: Unicopli, 2006; MONTINO, Davide. Quaderni scolastici e costruzione dell'immaginario infantile. *Annali di storia dell'educazione e delle istituzioni scolastiche*, n. 13, p. 167-189, 2006; MEDA, Juri. *E' arrivata la bufera. L'infanzia italiana e l'esperienza della guerra totale (1940-1950)*. Macerata: EUM, 2007.
- ⁸ Ver: SIMON, Frank; DEPAEPE, Marc. Fuentes y métodos para la historia del aula. In: FERRAZ LORENZO, Manuel (Coord.). *Repensar la historia de la educación: nuevos desafíos, nuevas propuestas*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2005. p. 337-364; POZO ANDRÉS, María del Mar; RAMOS ZAMORA, Sara. Ir a la escuela en la guerra: el reflejo de la cotidianidad en los cuadernos escolares. *Cultura Escrita y Sociedad*, n. 4, p. 129-170, 2007. Sobre a cultura escolar como objeto histórico, ver: JULIA, Dominique. Riflessioni sulla recente storiografia dell'educazione in Europa: per una storia comparata delle culture scolastiche. *Annali di storia dell'educazione e delle istituzioni scolastiche*, n. 3, p. 119-147, 1996; CHERVEL, André. *La culture scolaire: une approche historique*. Paris: Belin, 1998; VIÑAO FRAGO, Antonio. Por una historia de la cultura escolar: enfoques, cuestiones, fuentes. In: FERNANDES, Celso Almuíña et al. *Culturas y civilizaciones*. CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN DE HISTORIA CONTEMPORÁNEA, 3., Valladolid: Universidad de Valladolid, 1998, p. 167-183.
- ⁹ Ver: HÉBRARD, Jean. Lo spazio grafico del quaderno scolastico in Francia tra Otto e Novecento. In: ANTONELLI, Quinto; BECCHI, Egle (Ed.). *Scritture bambine: testi infantili tra passato e presente*. Roma-Bari: Laterza, 1995. p. 145-175; CHARTIER, Anne-Marie. *Travaux d'élèves et cahiers scolaires: l'histoire de l'éducation du côté des pratiques*. In: JIMÉNEZ EGUIZABAL, Alfredo y otros (Ed.). *ETNOHISTORIA DE LA ESCUELA*. COLOQUIO NACIONAL DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN, 12., (Burgos, 18-21 junio 2003). Burgos: Universidad de Burgos-SEDHE, 2003. p. 653-664, p. 21-40; SIERRA BLAS, Verónica. La ingenuidad de las letras. El cuaderno de escritura de Ramón Artega Calonge. *El Filandar/O Fiadeiro* – Publicación de cultura tradicional, n. 14, p. 51-56, 2003; ASCOLI, Francesco. I quaderni, strumenti per una storia della scrittura scolastica nel periodo postunitario. *Annali di storia dell'educazione e delle istituzioni scolastiche*, n. 13, p. 99-118, 2006; COLOTTA, Pablo A. Escribir y aprender. La escritura de cuadernos de trabajo en el Instituto Escuela (1932-1935). In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Dir.); SIERRA BLAS, Verónica (Ed.). *Mis primeros pasos, alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (ss. XIX-XX)*. Gijón: Trea, 2008. p. 243-257.
- ¹⁰ Nessa direção, há o trabalho sobre agendas escolares de: BLASTER, Johannes F. A. *Reproduction, resistance and globalisation in education: the written culture of school diaries in the twentieth century*. In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Dir.); SIERRA BLAS, Verónica (Ed.), op. cit., p. 391-410.
- ¹¹ Ver: MARRELLA, Luigi. *I quaderni del duce*. Torino: Barbieri, 1995; GIBELLI, Antonio. *Il popolo bambino*. Infanzia e nazione dalla Grande Guerra a Salò. Torino: Einaudi, 2005.
- ¹² Ver: VINCENT, Aude; HERVIEU, Fabrice. *Pupitres de la Nation*. 3. ed. Paris: Éditions Alternatives, 1997.
- ¹³ Ver: PETRUCCI, Armando. Para la historia del alfabetismo y de la cultura escrita: métodos, materiales y problemas (1977) y para una historia cualitativa del alfabetismo (1989). In: PETRUCCI, Armando. *Alfabetismo, escritura, sociedad*. Barcelona: Gedisa, 1999. p. 25-39, 40-56; BARTOLI LANGELI, Atilio. Historia del alfabetismo y método cuantitativo (1988-89). *Signo* – Revista de Historia de la Cultura Escrita, n. 3, p. 87-106, 1996; CASTILLO GÓMEZ, Antonio; SÁEZ, Carlos. Paleografía versus alfabetización. Reflexiones sobre historia social de la cultura escrita. *Signo* – Revista de Historia de la Cultura Escrita, n. 1, p. 133-168, 1994.
- ¹⁴ Ver: VIÑAO FRAGO, Antonio. Análisis de una mutación antropológica e historiográfica (1984). In: _____. *Leer y escribir: historia de dos prácticas culturales*. México: Fundación Educación, voces y vuelos, 1999. p. 27-69; _____. Por una historia de la cultura escrita: observaciones y reflexiones. *Signo* – Revista de Historia de la Cultura Escrita, n. 3, p. 41-68, 1996; _____. Alfabetización y cultura escrita: notas sobre la interdiscipliniedad de su estudio y el papel de la historia. In: _____. *Leer y escribir: historia de dos prácticas culturales*. México: Fundación Educación, voces y vuelos, 1999. p. 301-317.
- ¹⁵ Ver: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.). *Refúgios do eu*. Florianópolis: Mulheres, 2000; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Papéis guardados*. Rio de Janeiro: UERJ; Rede Sirius, 2003; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves (Org.). *Viagens pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: UERJ, 2008; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; MELO, Juliana Ferreira de; SOUZA, Maria José Francisco de; RESENDE, Patrícia Cappuccio (Org.). *Historia da cultura escrita: séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- ¹⁶ Sobre o assunto, são muito pertinentes as reflexões de: LAHIRE, Bernard. *La raison scolaire: école et pratiques d'écriture, entre savoir et pouvoir*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2008.
- ¹⁷ Ver: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Destino das letras: história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002; PERES, Eliane Teresinha; ALVES, Antônio Mauricio Medeiros (Org.). *Cartas de professor@s, cartas a professor@s: escrita epistolar e educação*. Porto Alegre: Redes, 2009.
- ¹⁸ A esse respeito, podemos assinalar as cartas trocadas entre pais, tutores e estudantes no período helenístico e romano. Cf. CRIBIORE, Raffaella. *Gymnastics of the Mind. Greek Education in Hellenistic and Roman Egypt*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2001; MARTÍN BAÑOS, Pedro. *El arte epistolar en el Renacimiento europeo, 1400-1600*. Bilbao: Universidad de Deusto, 2005. p. 33-36.
- ¹⁹ Ver: ESCOLANO BENITO, Agustín. Los manuscritos escolares. In: _____. (Dir.). *Historia ilustrada del libro escolar en España: del Antiguo Régimen a la Segunda República*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1997. p. 345-371; MAGALHÃES, Justino P. de. Escrita escolar e oficialização da escola portuguesa. In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Dir.); SIERRA BLAS, Verónica (Ed.). *Mis primeros pasos: alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (ss. XIX-XX)*. Gijón: Trea, 2008. p. 19-40; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. O manuscrito e a escola primária brasileira: o caso dos "paleógrafos". In: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (Dir.); SIERRA BLAS, Verónica (Ed.), op. cit., p. 71-93.
- ²⁰ Ver: GUEREÑA, Jean-Louis. *El alfabeto de las buenas maneras: los manuales de urbanidad en la España contemporánea*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 2005.
- ²¹ Ver: CODOÑER, Carmen. Un manuscrito escolar: London, British Library, Royal 15.B.XIX. Segno & Testo, n. 1, p. 229-245, 2003.
- ²² Ver: SUZEAU, Isabel. Un écolier de la fin du XV^{ème} siècle: à propos d'un cahier inédit de l'école latine de Sélestat sous Crato Hoffman. *Revue d'Alsace*, n. 117, p. 35-51, 1990; _____. Un extrait inédit du cahier d'écolier de Beatus Rhenanus. *Annuaire de les Amis de la Bibliothèque Humaniste de Sélestat (AABS)*, v. 41, p. 101-118, 1991.
- ²³ Ver: GRAFTON, Anthony. Text and pupil in the Renaissance class room: a case-study from a Parisian College. *History of Universities*, v. 1, n. 1, p. 37-70, 1981; LETROUT, Jean. La prise de notes de cours dans les collèges parisiens au XVI^e siècle. *Revue de la Bibliothèque Nationale de France*, n. 2, p. 47-56, 1999; COUZINET, Marie Dominique; MANDOSIO, Jean-Marc. Nouveaux éclairages sur les cours de Ramus et de ses collègues au Collège de Presles d'après des notes prises par Nancel. *Cahiers V. L. Saulnier*, n. 21 ("Ramus et l'Université"), p. 11-48, 2004.
- ²⁴ Ver: GIMENO BLAY, Francisco M. Aprender a escribir en el Antiguo Régimen. In: ESCOLANO BENITO, Agustín (Dir.). *Historia ilustrada de libro escolar en España: del Antiguo Régimen a la Segunda República*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1997. p. 300-302.
- ²⁵ Ver: COMPÈRE, Marie-Madeleine; PRALO-JULIA, Dolorès. *Performances scolaires de collégiens sous l'Ancien Régime: étude d'exercices latins rédigés au Collège Louis-Le Grand vers 1720*. Paris: INPP-Publications de la Sorbonne, 1992.
- ²⁶ Pode ver-se o estudo de caso de: ASCENZI, Anna. The Homeland on the school desks: the Cartiere Pigna company and the school notebooks of a united Italy (1870-1941). In: _____. *Education and the metamorphoses of citizenship in contemporary Italy*. Macerata: EUM, 2009. p. 65-121.
- ²⁷ Em espanhol: Si mi pluma valiera tu pistola. Adquisición y usos de la escritura en los frentes republicanos durante la Guerra Civil española. *Ayer*, v. 67, n. 3, p. 179-205, 2007.